

MODERN!SMO

Arquivo Virtual da *Geração de Orpheu*

modernismo.pt

Uma Carta de Fernando Amado a José de Almada Negreiros

Ana Maria Freitas

Artigo publicado na revista Suroeste n.º4: Revista de Literatura Ibéria, 2014.

Uma Carta de Fernando Amado a José de Almada Negreiros

Ana Maria Freitas

Existe, no espólio de José de Almada Negreiros em posse da família¹, um conjunto de cartas de Fernando Amado cuidadosamente guardadas ao longo de décadas, restos de um diálogo entre duas figuras importantes da cultura portuguesa ligadas pela amizade, pelo convívio frequente e familiar e pela colaboração artística. De longa extensão, entregues por mão própria e sem data expressa, as cartas constituem uma espécie de continuação do diálogo iniciado num serão ou numa conversa de café. O tempo pensado próprio da escrita confere a estes textos um carácter próximo do ensaio, com outra estrutura e ponderação.

Fernando Amado (1899-1968) desempenhou um importante papel no teatro português. Foi encenador, autor de mais de três dezenas de peças de teatro, professor de Estética Teatral e de Arte de Representar do Conservatório Nacional, fundador da companhia de teatro do Casa da Comédia e director das companhias do Teatro Universitário de Lisboa (1955-58), do grupo de teatro da paróquia de S. João de Deus (1956-58), e da Academia dos Amadores de Música (1960). Escreveu muito sobre teatro, mas muito também sobre as grandes questões ideológicas de uma época em que comunismo e fascismo se apresentavam como as duas soluções antagónicas para um futuro utópico. Interessava-lhe especialmente o lugar que cada um destinava ao Artista e à Arte.

Monárquico convicto, Fernando Amado teve uma aproximação episódica ao integralismo lusitano e, anos mais tarde, ao movimento português dos Monárquicos Independentes. Nos seus escritos políticos no semanário cultural Aléo, nos Cadernos Políticos das Edições Gama, na separata da Revista “Cidade de Coimbra”, muitos reunidos na obra *Sinais de Campanha*, defende-se uma terceira via, longe das duas grandes opções ideológicas do tempo, baseada na valorização de simpatias, afinidades, ritos e tradições. Num texto com o título “Para uma política da liberdade” clarifica esta sua concepção de sociedade:

¹ Espólio a ser estudado e catalogado no âmbito do projecto “Modernismo online - espólio virtual

Tornados então os homens solidários pela própria existência, pelos modos de vida, prática de afectos, prestação mútua de serviços, consecução de interesses comuns, guarda e fomento de heranças, por actos predestinados de conciliação com a Cidade a que pertencem, e que na medida em que a servem lhes pertence, e assim da natural colaboração – não de empenhos solenes para uma superestrutura ideológica – tirando o sentimento de res-pública – veja-se como, já libertos no que toca a opiniões e preferências, já trabalhosamente situados na circunstância, com uma presença que de longe lhes é dada, eles poderão dispensar-se de vigilâncias frenéticas (diversos de outros a quem, por não serem co-participantes do destino, a obra republicana é *exterior*, mera projecção de vontades), e eximir-se a essa tirânica mística de oposição, a esses dilemas de consciência em que se enerva o patriotismo e a personalidade se dissolve.

(Amado, 1950: 15-16)

A amizade com José de Almada Negreiros vem de longe, dos tempos da revista *Orpheu*, quando se deixou entusiasmar pelo futurismo que influenciou o seu primeiro texto dramático, com o título *O Homem Metal* (1916). A convivência entre ambos e entre as suas famílias era assídua. A leitura desta correspondência revela, para além da intimidade e do afecto óbvios, a necessidade de trocar ideias sobre Arte e sobre política.

A colaboração entre os dois viria a ser longa e proffícua. No texto da carta, Fernando Amado diz temer que a desejada colaboração entre ambos nunca viesse a acontecer, pois surgira uma diferença de opiniões que, a partir de ocorrências durante a guerra civil de Espanha, se estendia às posições ideológicas de ambos. No entanto, uma década mais tarde a colaboração inicia-se e assume um formato próximo do diálogo epistolar aqui descrito. Em 1946, no Centro Nacional de Cultura, os dois participaram em sessões com o título “Diálogo entre Almada Negreiros e Fernando Amado”, publicadas em 1951, na revista *Cidade Nova*. Na década seguinte, as sessões de debate entre ambos, no Centro Nacional de Cultura, continuam.

Em 1949, no Teatro do Salitre, a colaboração aprofunda-se. Almada faz os figurinos para a peça *Casamento das Musas*, de Fernando Amado, que encena, em estreia absoluta, *Antes de Começar*, de Almada Negreiros, com figurinos de Sarah Affonso. Amado volta a encenar esta peça de Almada várias vezes, duas das quais em 1956, quando dirigia o Teatro Universitário de Lisboa.

É aí que, em 1960, no fecho da semana dedicada a Fernando Pessoa pelos 25 anos da sua morte, é reposta a peça *Antes de Começar*, juntamente com três peças breves de futuristas italianos e com *O Marinheiro* de Pessoa. Almada deu a sua colaboração com “apontamentos cenográficos e de indumentária”.

De 1963 a 1965, são encenados, na Casa da Comédia, sete espectáculos, um dos quais a peça de Fernando Amado *O Iconoclasta* e mais uma versão cénica de *Antes de Começar*, de Almada. Nesses dois anos, Fernando Amado encena ainda *Deseja-se Mulher*, tendo Almada acompanhado todos os ensaios e revelado entusiasmo com o resultado final.

A carta aqui transcrita é datável de 1936, através da referência à morte recente de Maximo Gorki (18/6/1936). O tempo fez, infelizmente, desaparecer as cartas que José de Almada Negreiros enviou ao amigo, mas depreende-se o seu conteúdo pela metade conhecida do diálogo. O momento histórico, anterior à hecatombe da 2ª Guerra Mundial, que se aproximava a largos passos, e ao confronto com a capacidade humana para o mal absoluto em nome de ideologias, condicionava os olhares lançados ao conflito em Espanha. Almada Negreiros escrevera-lhe chocado com as notícias das atrocidades praticadas durante a Guerra Civil, em Espanha. Para Fernando Amado, a reacção de Almada Negreiros à notícia das atrocidades é intuitiva e sentimental, pois isola o acontecimento das circunstâncias, não analisa o conjunto. Tal como Shakespeare e Petrarca, Almada reagiria como “um homem que se encontra entre homens e escuta o bater do coração” e esquecia contingências mais vastas. Fascismo e Comunismo, as duas grandes ideologias antagónicas, dividiam o mundo ocidental, que se transformara, segundo Fernando Amado, num campo de batalha por valores civilizacionais. “O Diabo que escolha entre as duas partes”, afirma a dada altura, pois nenhuma corresponde ao seu ideal de uma revolução de carácter humano que viesse unir os mundos da matéria e do espírito, conciliando uma tradição europeia, aristocrática e personalista com os legítimos direitos dos trabalhadores. Considerando que esse momento utópico ainda vem longe, Amado rejeita sobretudo a sociedade comunista onde “há lugar para um engenheiro, nunca para um filósofo ou um poeta.” O livre trabalho de um filósofo ou de um poeta teria de se conformar com directivas que nada têm a ver com a Arte.

Um livro cuja leitura Almada Negreiros lhe recomendara, com o título *A Ferrugem Vermelha*, suscita-lhe amplas críticas. Trata-se da tradução da primeira peça de teatro de Vladimir Kirshon (1902-1938), escrita em colaboração com Andrei Ouspenski, em 1926. *Konstantin Terekhin* (título original) foi traduzida do russo e estreou em Londres, em 1929, sendo considerada a primeira peça soviética a ter chegado aos palcos londrinos. O título da versão inglesa é *Red Rust*, o que deu origem ao título na versão portuguesa. A subalternização da Arte à ideologia, a redução do artista, do filósofo ou do poeta ao papel de parasita social, aspectos revelados pela obra, chocam Amado. Aqui estava, considera ele, a fundamentação principal para a sua rejeição total do Comunismo.

As figuras implicadas, o lugar que ocupavam na comunidade intelectual da época, as circunstâncias de tempo e de lugar – nações em crise, uma Europa que começava a dilacerar-se, um país sob um regime ditatorial com um país vizinho em violento processo de guerra civil – tornam esta carta um testemunho importante, merecedor de uma leitura atenta.

Ana Maria Freitas

Investigadora integrada do IELT (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição)
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

Referências

Espólio de José de Almada Negreiros e de Sarah Affonso.

AMADO, Teresa, “Fernando Amado”, in AAVV, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, coordenação de Fernando Cabral Martins, Editorial Caminho, Lisboa 2008.

AMADO, Fernando

Sinais de Campanha, Edições Gama, Lisboa, 1947.

“A 3ª Posição”, *Cadernos Políticos I*, Edições Gama, Lisboa, 1948

“Para uma política da Liberdade”, *Separata da Revista “Cidade Nova”*, Coimbra 1950.

“Meu caro José

A sua carta, que recebi bastante atrasada (quasi uma semana), é um ardente e generoso desabafo perante as atrocidades cometidas em Espanha. Como tal lha quero agradecer, pois sei que com tamanha liberdade v. não costuma falar com muita gente.

E no entanto, porque não dizê-lo?, tive ensejo de recordar com saudade outras cartas suas, em que o seu espírito se revelava, movendo-se em torno de ideias transcendentales e simpáticas. Até o seu estilo, linha habitualmente tão pura, sofreu agora com a escolha do assunto.

Não serei eu a espantar-me. Um dia pediram-me que escrevesse um artigo sobre finanças, a propósito de Salazar. Escrevi-o quasi de arranque, debatendo-me “comme un diable dans un bénitier”. O artigo felizmente não foi publicado ; saíra péssimo. E a razão está em que abomino a matéria financeira, com uma antipatia espontânea, temperamento. Não se pode perceber verdadeiramente senão duma coisa de que se gosta. V. não gosta de política; é natural que não perceba de política. O contrário seria paradoxal.

Só tenho pena que, pelo modo por que v. diz honrar-se em nada perceber de política, pareça desaproveitar os que se orgulham duma atitude inversa, tanto mais que, sendo eu um deles, um pouco da sua desafeecção há-de recair sobre mim.

De resto, eu compreendo que a sua carta é um acto de lealdade, veemente como todos os actos de lealdade. Isto foi para mim tão sensível que, logo às primeiras frases, recei que, no fogo do discurso v. sem querer me ferisse: não, já se vê, na minha amizade, e apenas nas minhas convicções. Quando cheguei ao fim, respirei.

Ah! Meu caro José, como foi inútil v. referir-se à sua sinceridade! Se ela vibra em cada uma das frases! Mas, vê v., se em Arte a sinceridade é quasi tudo, a sinceridade em política, sobretudo na boca de um artista feito como v. é, pode ser mais do que insuficiente, porque desproporcionada ao objecto em questão.

Em Arte pode dizer-se: reflecti, ou meditei, ou apelei para os tesouros da minha sensibilidade – e realizei a obra sinceramente.

O artista pode assim falar porque é dentro do seu peito que a Arte se forma. A intuição abre no artista mundos incomensuráveis, de que ele é ao mesmo tempo senhor, intérprete e único juiz.

A política, porém [,] é uma ciência – ao menos nos elementos básicos, com que joga o homem de acção. E se o temperamento do artista e o caminho especial seguido pelas suas indagações, o não levaram ao contacto com os factos políticos; daí à dedução das causas e efeitos; depois ao descobrimento das leis; e por fim a uma espécie de visão panorâmica daquilo a que se chama uma sociedade – será pela sua própria sinceridade atraído e positivamente vendido.

V. o confessa com clareza na sua carta. A sua intuição leva-o a reconhecer os erros e os absurdos da actual engrenagem político-social. Não por conhecimento, mas porque esse erros e esses absurdos o magoam na sua carne.

A sua posição, perfeitamente legítima e de acordo com a sua Arte, é sentimental, quero dizer, alheia a quaisquer conclusões de investigação objectiva. No fundo, v., como artista, não pode enganar-se; cada um dos seus gritos de alma envolve uma profunda verdade humana – porém expressa em linguagem de Arte, sem correspondência imediata, por vezes sem equivalência com as realidades concretas da política.

V. fala dum ponto de vista abstracto, desligado de toda a espécie de contingências, indiferente às determinações do tempo e do espaço, como um homem que se encontra entre homens e escuta o bater do próprio coração.

É sem dúvida um ponto de vista eminentemente poético. A certos poetas, todavia não convém: são os que, preocupados com o problema da convivência, procuram dar-lhe solução, aceitando os lados fornecidos tanto pelo exame directo dos factos como pela experiência histórica, guiados pela paixão da universalidade, resolvem-se a penetrar na selva dos interesses humanos, nobres e mesquinhos, a ver com nascem, crescem, interferem, funcionam, no intuito de colher elementos para clamar com segurança uma ordem social favorável às exigências do espírito.

À primeira categoria pertencem, por exemplo, Petrarca, Shakespeare; à última, por exemplo, Dante e Goethe. Uns entregam-se mais à intuição e à inovação; outros à observação, indução e descoberta. Aqui e ali, as coisas de Arte

nada terão que sofrer, desde que no peito do poeta haja o culto verdadeiro da Poesia.

A que vem este preâmbulo, meu caro José? A pretender explicar a distância que fatalmente nos separa logo que abordamos a política. V. fala então com a liberdade irresponsável dos homens que não têm de intervir, ao passo que eu, levado precisamente pela minha natureza a intervir, e pelos meus estudos e investigações a tomar iniciativas, faço a figura prosaica de alguém que, em terreno perigoso, procede com cautela, não raro tropeça, levanta-se, volta atrás e experimenta novas pistas. E no momento em que v. se isola, eximindo-se direito aos rigores da peleja, forçoso me será porventura combater com as armas exigidas pela ocasião, resistir, defender, em suma, no campo das realidades concretas, uma parcela da verdade universal.

Dante, por amor da civilização, tomou partido na contenda entre Gibelinos e Guelfos. Mal me ficaria, com tal exemplo, envergonhar-me de escolher entre o Comunismo e o Fascismo, desde que se tornasse a escolha necessária, e que, depois de feita eu a pudesse explicar em harmonia com as razões da inteligência e do coração.

De resto esse problema está para mim de há muito resolvido, e com tamanha evidência e serenidade, que assim eu quisera que outros estivessem também. Entendamo-nos. As significações que v. empresta às palavras Comunismo e Fascismo são as vulgares, mas são incorrectas, pois correspondem a realidades fictícias. Foi uma das victórias de Moscovo, e não das menores, conseguir que a opinião pública mundial aceitasse uma terminologia simplificada, grosseira, mas expressiva, apta a estabelecer nas almas a confusão e abrir campo à faina de habilíssimos agitadores.

Com efeito, milhões de creaturas estão a estas horas convencidas de que o género humano se divide politicamente em duas categorias: uma a dos conservadores, partidários da ordem, banqueiros, senhorios, generais, sacerdotes, aristocratas, gente agarrada a privilégios, inimiga de quaisquer alterações ou evoluções da sociedade; a outra, a dos operários e, dum modo geral, dos artistas, homens de ideal, que reclamam a abolição dos privilégios e preconizam profundas transformações da ordem existente. Dum lado, pois, a velha Reacção, estagnante, decrépita. Do outro, a jovem Revolução proletária,

ardente, generosa, a qual supõe uma empresa arriscada decerto, talvez de começo catastrófica, mas humana, justiceira e possivelmente salvadora. Milhões de criaturas se encontraram, pois em presença de um lema: ou o egoísmo reles, infamante e a adesão ao Fascismo, ou o altruísmo desvairado, o salto no desconhecido, e a adesão á disciplina soviética.

O Diabo que escolha entre as duas partes. Graças a Deus os termos do dilema são absolutamente falsos. Não se trata nem de egoísmo ou altruísmo, nem de espírito burguês ou operário – pobres burgueses e pobres operários! Trata-se de saber se a Europa contém ou não em si-mesma energias espirituais bastantes para triunfar duma tentativa de vassalagem desencadeada, com extrema tenacidade e admirável subtileza, pelos eslavos e mongóis. Estão em jogo duas culturas, duas civilizações, duas morais, duas interpretações do homem empenhando dois continentes, Europa e Ásia. O conflito portanto, está-se dando, em formidáveis proporções, e cada vez com mais violência; no entanto não é pelo troar do canhão que ele se há de resolver.

Nunca a Europa esteve tão próxima dum aniquilamento total como nos primeiros anos depois da Guerra, quando Lénine fundava a pátria proletária, num ambiente de sangue e de misticismo, e que a sua voz profética ecoava nas almas como a do Anti-Christo. Nunca, nem no século V com Attila, nem no século IX com a invasão maometana.

Quanto a representar pelas palavras Comunismo e Fascismo as duas ideias opostas, não vejo nisso inconveniente, contanto que se evitem equívocos e confusões e numa e noutra se concentrem os valores que sirvam a esclarecer a questão.

Em Espanha não há propriamente embate do Comunismo e do Fascismo, mas sim do Comunismo e dum conglomerado de forças anti-comunistas – o que é diverso. Compreendo, José, a veemência do seu protesto ante as atrocidades que a Radio e o Telegrafo nos transmitem. A diferença entre nós é que v. está abismado de surpresa, eu não. No conjunto eu tinha previsto (afóra os casos isolados de perversidade monstruosa), as consequências da vitória em Espanha da Frente Popular. A História repete-se não há duvida; as mesmas causas produzem invariavelmente os mesmos efeitos. E o andar dos séculos não modifica a essência da natureza humana, que em todas as épocas a demagogia

perturba e enfurece, despertando, com o aumentar dos apetites, paixões deveras bestiais. (Não esqueçamos que o homem é anjo e besta).

Aos desmandos da anarquia sucede a repressão pelas armas. É o processo lógico, irresistível. Veja a Grécia, o Império Romano da decadência, a Rev. Francesa de 89 e depois a Comuna, a nossa rev. de 1910, cortada pelas acções militares de Pimenta de Castro, Sidónio e Gomes da Costa.

O caso espanhol complicou-se, é claro, com a intervenção de Moscovo, que soube exacerbar a fúria demagógica por meio da mística soviética. A palavra de ordem parece ser: lutar até à morte e por cima de toda a espécie de cadáveres, inclusive o da própria Espanha. Está em jogo o destino da pátria proletária.

É possível que uma complicação, mais grave ainda, surja da parte dos alemães, que se julgam destinados pelo Providência a esmagar a hidra vermelha. Teríamos então a desditosa e nobre Espanha transformada numa liça, onde Hitler e Staline ajustariam contas.

Suceda o que suceder, e digam o que disserem as agências interessadas, a guerra civil espanhola não é entre o Comunismo e o Fascismo. As Falanges, entre cujos membros alguns se encontrarão com a consciência do ideal fascista, representam como uma gota de água num oceano. O movimento – tanto quanto se pode ajuizar fóra das fronteiras – é de carácter militar e de vistas curtas: derrota material do Comunismo, com o completo extermínio das milícias vermelhas, se preciso fôr; substituição da desordem pela ordem a tiros de peças de artilharia.

O povo espanhol que é o mais tradicionalista dos povos, e também o mais brioso e o que tem o génio mais independente, sentiu o peso da garra bolchevista, que ia desfigurando o vulto da nobre Nação. Esse, em grande maioria, aclama o Exército libertador, canta, dança e réza. Mas o que será o dia de amanhã? Não basta a vitória militar. Como receberão as elites esta reedição da Ditadura de Primo de Rivera?

A solução, a meu ver, não será definitiva e verdadeiramente libertadora, se uma ideia, uma doutrina inteligente, humana, vital, não vier em auxílio dos generais.

Por ora não ouço, do lado dos rebeldes, senão gritar: Abaixo o comunismo! Viva a Espanha! É pouco. Convém meditar sobre o prestígio e as possibilidades extraordinárias da mística e das organizações soviéticas.

Dizem alguns: A Revolução comunista foi inventada para escravos, para massas humanas reduzidas à condição de rebanhos. E confiam no poder convincente da verdade. Acho que é demasiado optimismo. Porque, justamente por ter içado a bandeira da revolta dos escravos, e por ter assim tomado, à luz do sol, o partido da plebe (não digo do povo) contra toda a espécie de aristocracias, - a Rev. comunista, negando cinicamente o passado em globo, e fazendo tábua rasa da cultura e da civilização, não conhece entraves; pode ser cínica sem remorsos; pode orgulhosamente apelar para os sentimentos da inveja e da vingança, propôr ao mundo um novo tipo de herói, violento e boçal, chamar vício à virtude, que princípio moral poderá detê-la, se ela começou por se exercitar saltando por cima dos altares?

Em cem homens não haverá um decerto bastante protegido pela fortuna para se incluir a si-mesmo entre os conservadores. Os outros 99 são, portanto, candidatos ao Comunismo, e 90 pelo menos, tocados pela miséria, não têm senão a ganhar com uma metamorfose social.

O medo não os fará recuar, nem, na maioria dos casos, o patriotismo ou a religião. Para arranca-los para fora do círculo trágico do Comunismo, é preciso convencê-los por meio de uma promessa, forte, penetrante, apoiada em sensíveis razões. Em suma, a Rev. comunista não poderá ser vencida nas almas senão por outra Revolução também social – promovida nos mundos da matéria e do espírito -, também projectada no futuro, e que saiba conciliar a tradição europeia, aristocrática e personalista, com os legítimos direitos do trabalho.

Chegadas as coisas ao ponto a que chegaram, e visto que se torna indispensável reconstruir de novo, a Revol. a que aludo será não apenas política e social, mas universalmente humana.

Vê v., meu caro José, o que me impressiona no bolchevista, mais do que a cínica arrogância e a crueldade, é a falta de curiosidade, o desprezo pelas questões universais. Ora, eis aí o sinal característico do bárbaro. Ele cede ao instinto. Não dá importância à tarefa desinteressada, aos frutos puros do conhecimento. Numa sociedade comunista há lugar para um engenheiro, nunca

para um filósofo ou um poeta. Quero dizer que o trabalho – o livre trabalho – dum filósofo ou dum poeta não corresponde às necessidades duma sociedade, que se regula pelos apetites e aspirações do operário. O direito à vida está relacionado, em modo directo ou indirecto (engenheiro) com a produção. O intelectual tem de defender-se da acusação de parasita.

No entanto há quem perdoe aos bolchevistas esse materialismo feroz, pela ardente vontade de libertação que neles transparece. V. próprio, José, não se mostra inclinado a pensar assim? Não foi como prova de generosidade para com eles que v. me recomenda a *Ferrugem Vermelha*? Aliás, compreendo m^{to} bem o seu interesse por um punhado de homens e mulheres, que reivindicam as responsabilidades de construtores dum mundo novo e que raivosamente atacam os preconceitos, todos os preconceitos, mesmo aqueles que florescem à sombra dos mais fascinantes ideais.

Sim, essa é a impressão com que deve ficar o leitor desprevenido da *Ferrugem Vermelha* – categoria à qual, confesso, já não pertenço. Uma política de há tempos que combate a ingenuidade. Faço por andar mascarado, como dizia Descartes: *Larvatus prodeo*. Não me deixei seduzir por aquelas personagens, de caracteres primitivos, que se apostrofam cara a cara, com desenvoltura veemente: Bandido! Pulha! Canalha!

De resto, a peça pouco tem que ver com a Arte, excepto aqui e ali alguns achados de técnica teatral (sobretudo no 1^o quadro).

Quanto à ânsia de libertação sentimos que não é desinteressada. Rasgam-se, como fatos velhos, as praxes, as convenções burguesas, mas não para se descobrir a nudez natural. Ah! Não, não é a humanidade que ali se procura. É antes a confirmação de uma derrota, e a apologia duma vitória. Procura-se a derrota, visível, palpável, absoluta do simbólico burguês; e, não obstante o cepticismo dalguns transviados, o prestígio vitorioso da doutrina comunista, isto é, a vingança proletária.

O que há de universal no Bolchevismo é exclusivamente de índole política e gira em torno da fórmula Ditadura do Proletariado: as repúblicas soviéticas ocupando as 5 partes do mundo. Mais nada. O resto da doutrina é pontos de vista, opiniões, processos de conduzir a guerra de classes, instruções para a propaganda, técnicas de intuitos políticos, desligados de quaisquer

considerações transcendentais impostas, ditadas pelas circunstâncias, e que, aliás, ao sabor das circunstâncias variam e até se alteram por completo.

O stakhanovismo, por exemplo, introduzido por Staline com o fim de aumentar o rendimento da produção, nega um dos pontos capitais das teorias de Karl Marx e um dos preceitos de Lénine. O contraste flagrante. Mas como a palavra de ordem é “lançar” o stakhanovismo, o verdadeiro comunista deve fingir que toma gato por lebre.

Não tenho, claro está, simpatia pela violência. Mas admito certas intolerâncias, obrigadas por motivos superiores. Em política o motivo superior chama-se razão de Estado. (Eu ia agora falar de D.João II, mas isso me desviaria para longe) – De modo que, ainda que me não entusiasmasse, eu compreenderia um Rev., feita em nome da liberdade, e que esgotasse as possibilidades do individualismo até aos últimos limites da anarquia. – Que belo tema poético para Nietzsche!

Mas nada de semelhante com os soviéticos. A Rev. russa é colectivista, não individualista. Os individualistas que se deixam encantar vão atrás da tal fúria de libertação, mais teatral que real, e que, de resto, traduz principalmente a arrogância de mentalidades incultas, que embriaga uma repentina rajada de independência.

Ninguém, com efeito, menos anti-conformista do que o verdadeiro bolchevista. Ele desconfia (como o britânico num lupanar) dos centros de reunião onde se costumam trocar ideias e onde portanto se podem fabricar heresias. A bagagem intelectual, no tocante a ideias gerais, recebe-a ele, acabada e perfeita, do Directório do Partido. E como, variando a doutrina, a discussão se torna uma prática imprudente, ele deve evitá-la, mesmo de si para consigo; pois que o pensar destrói a fé. O que conta, o que vale é a palavra de ordem, transmitida do chefe ao soldado vermelho e militarmente executada. Por pouco que ele ceda ao demónio do raciocínio, arrisca-se a que a dúvida entre com ele. Cai sob a suspeita de intelectual. Assim, na *Ferrugem Vermelha* encontramos o desgraçado Piotr, que tenta suicidar-se, desorientado (temos o direito de supor) pelas acrobacias doutrinárias do Comité Central, bem como pela visão íntima da sua própria inutilidade, dele, Piotr. – Percebe-se, no fundo[,] que só o operário comunista pode ser fiel, porque só este, indiferente à ideia, ao imperativo da

inteligência, se satisfaz com as batalhas e conquistas materiais: desconformes reprêsas, centrais eléctricas, imensos falanstérios, tractores, fábricas de automóveis, e, em suma, a colecção de “gigantes”, com que os chefes deslumbram as massas, à maneira de panos vermelhos agitados à cabeça do toiro.

A profunda, e quasi alucinada desorientação dos meios intelectuais não a esconde, de resto, o autor da peça. Como na alta sociedade americana, a embriaguez serve a esses pobres rapazes de refúgio contra os fantasmas que dia e noite lhes invadem as consciências: Mas afinal que andas tu por aqui a fazer? Onde está o mundo novo que pretendes construir?

Se a sinceridade do comunista é pura, humana, está perdido. Temos o caso de Piotr e o de Fedor, o apaixonado de Nina, inconsciente discípulo de Tolstoi. Agora, se é um comunista 100 por cento, se conseguiu abafar as preocupações humanas sob a dura fé proletária, a vida será para ele cheia de facilidades; e por mais indigno, por mais inhumano que se mostre publicamente, a lei quasi não terá pega sobre ele. Veja Terekin, o herói da Ferrugem Vermelha. Entra em toda a parte como dominador, fala de alto. A maior parte dos rapazes temem-no. Acompanha-o uma espécie de inviolabilidade. Porque Terekin, no fundo, é um verdadeiro comunista. A sua concepção do amor livre é comunista. (Fernia e Fedor, que acreditam no casamento, são burgueses.) Naquela alma depravada, predisposta ao crime, há só lugar para um culto supersticioso: o do Partido, do Comité Central, e para lá se volta, não vendo mais nada para além (por onde se percebe como o materialismo comunista acaba por divinizar o Estado) – para lá se volta, como em última instância, o christão para Deus.

Repare, José, que o autor não tem coragem de levar a peça até à sua conclusão lógica: a condenação de Terekin. A coisa fica no ar. No 1º julgamento, a que assistimos, embora as presunções sejam todas a demonstrar o assassinato, o tribunal divide-se. Porquê? Porque a doutrina, no fundo, é favorável a Terekin. Foi talvez um pouco longe demais, na sua ânsia de libertação. Mas uma condenação formal poderia comprometer os juízes.

Percebe-se que o autor está pisando terreno perigoso. Um passo mais à frente seria temerário. A disciplina soviética entra em acção. E que disciplina! Uma disciplina de ferro, proporcionada às exigências dum sistema político totalitário, isto é, que diz respeito à totalidade dos homens e das actividades

humanas. Em nome da Ditadura do Proletariado, o direito de intervenção do Comunismo não tolera restrições. Os actos, os sentimentos hão de sujeitar-se a determinadas directivas – tanto na vida pública como na privada. Encontramos a propósito, ainda na *Ferrugem Vermelha*, um exemplo edificante, durante o julgamento de Terekin. Um dos comissários mostra-se escrupuloso. Então, outro pergunta-lhe se a doutrina exige ou não interferência na vida privada; e o primeiro inclina-se. De facto, o olho de Moscovo tem o direito de espreitar pelas fechaduras. Vemos, pois, a indiscrição, a delação e, por último[,] a espionagem, erigidas em leis sociais. Eis, sem dúvida, o polo oposto da ética christã. A nossa civilização ocidental respeita tanto o segredo da consciência, que só nas igrejas, debaixo da manta inviolável dum sacramento, a alma é convidada a pôr-se a nú.

O santo, o herói, o poeta, os que vêm a este mundo com a vocação da vida interior, como poderiam eles respirar nessa atmosfera côr de chumbo e sem horizontes! E deveras a Arte russa está enferma. Aguenta-se devido à poderosa originalidade do povo, mas tolhida e contrafeita. A única Arte tolerada é a Arte oficial, de propaganda. Os temas entre os quais o poeta é obrigado a escolher não variam, os caminhos que ele tem de trilhar perderam já de há muito para ele o encanto do desconhecido, do inédito. A violência dos processos de Arte mal pode disfarçar a trágica monotonia do assunto.

O artista soviético está, como o operário, ou como o homem de sciencia, na situação moral dum funcionário, de quem o Estado exige determinada tarefa, seguindo a orientação reclamada pela política do momento. É possível – e a *Ferrugem Vermelha* nos leva a crer – que a Arte produzida nas células comunistas não seja toda ortodoxa. Pode mesmo admitir-se que em geral o não seja. As autoridades farão então vista grossa, não decerto por magnanimidade, mas talvez pela certeza, que a experiência lhes deve ter incutido, de que em política são indispensáveis as válvulas de segurança. Deixe-se a mocidade exalar o seu inocente scepticismo, entre taças de vodka e nuvens de fumo. Não será daí que há de nascer a tempestade que fará tremer o Kremlin. De resto, a cada canto há um espião – na Rússia dá-se-lhes o nome de informadores.

É da essência da doutrina comunista relegar o intelectual ao segundo plano, ocupando o primeiro o operário, como é da natureza da civilização ocidental a hierarquia inversa. Com a agravante que o intelectual, entre os

sovietes, tem que documentar, por assim dizer, e advogar, o seu direito à vida. Isto é, ou tem falta de escrúpulos e ambição suficientes para servir o regime, como testa de ferro, ou tem alma de artista, sinceridade, imaginação, consciência, e então será tolerado (como alguns dos personagens de Ferrugem Vermelha), arrastando uma existência incerta e ilusória, miserável no fundo, à maneira dos antigos bôbos da Côrte.

Hoje na Rússia não há nem grandes pintores, nem grandes escritores, nem grandes músicos (Stravinsky não vive lá) – nem grandes poetas, em suma. No Teatro revelaram-se meia dúzia de *metteurs-en-scène*, em maioria judeus. Mas dramaturgos de génio não os há. Não será exagero afirmar que o último grande artista russo era Maximo Gorki, morto há poucos dias². Este, porém, já era Gorki em 1919; formou-se no período revolucionário pre-soviético, no rastro do anarquista sublime Leão Tolstoi. Gorki, homem de ideal, ambicionou humanizar o Comunismo. Foi pôsto à margem sistematicamente pelos ditadores proletários. Morreu desgostoso e desiludido, sem deixar escola.

Não sei, meu caro José, se a minha divagação principia a cansá-lo. Dir-lhe-ei que é com grande prazer que estou escrevendo. Ao menos terei sido claro? Terei sabido explicar, com razões humanas, a minha aversão ao Comunismo?

V. o dirá. Entretanto poderá replicar-me que o Comunismo não deverá ser tão feio como o quero pintar, visto que homens como André Gide a ele aderiram publicamente, como militantes.

Há, a meu ver, três ordens de razões que condicionam a adesão dos intelectuais ao Comunismo. A primeira, a mais vulgar é a ignorância. A mocidade é espontaneamente revolucionaria, a grandeza de alma também. O Comunismo goza da fama de sistema avançado – embora, de facto, seja um processo primitivo de aglomeração humana. (Só os sistemas individualistas justificam a classificação de avançados). De modo que o intelectual ignorante da realidade russa, vai para o Comunismo, como eu vou para uma bela viagem, disposto a julgar unicamente por si-próprio, com os olhos e com as mãos, e apanhar a natureza em flagrante.

Outra razão, mais feia, é a cobardia. Uiva-se com os lobos para não vir a ter a sorte das ovelhas. Além disso, como v. sabe, José, Moscovo paga e paga bem.

² Maximo Gorki morreu a 18 de Junho de 1936.

Uma terceira razão é o ódio ao Fascismo. O triunfo do Fascismo, além de ser o da civilização ocidental, seria evidentemente o de Roma – ou antes, das 2 Romas: a Roma da unidade imperial (César, Dante, Mussolini) e a Roma Católica. Os anti-romanos, inimigos por temperamento do espírito clássico, preferem precipitar-se no abismo. – Tudo, menos a lei de Roma.

Aqui não discuto. Esses homens cumprem um acto de fé, obedecem a uma fatalidade original. Agradeço simplesmente a Deus ter-me feito tal que posso aguardar o desenrolar deste grande conflito sem atribuições de consciência.

Lamento André Gide, que admiro, não por ter tomado partido, mas por ter sido obrigado, pelas circunstâncias cruéis, a renegar a sua obra e o seu ideal. Se havia hoje um puro individualista era bem ele. André Gide, o mais completo e superior tipo de protestante que eu conheço. Vendeu-se aos incendiários, aos apóstolos da guerra, para não contribuir para a paz Romana. O caso de André Gide é um dos episódios mais profundamente trágicos que eu conheço.

Doutros casos menores, para quê falar? Não são argumentos de crítica que eu pretendo expôr aos seus olhos, meu caro José, e tão somente dados que esclareçam a posição que adoptei.

Com isto não quero concluir que o Fascismo resuma todas as perfeições. Em política convém sermos sóbrios e contentarmo-nos com o relativo. Eu admiro e aprovo o Fascismo em 1º lugar, porque é uma promessa, persuasiva quanto possível, da vitalidade espiritual da Europa; e em 2º lugar porque representa um ponto de partida, e não de chegada (como o Comunismo), e que, portanto, não compromete o futuro.

Fascismo, por ora, só existe na Itália: isto é, um movimento revolucionário, com valor e sentido universais, no qual, pela primeira vez na História, se busca a síntese profunda das direitas e das esquerdas, da tradição (Ordem, Hierarquia, etc.) e do Progresso social (direitos dos trabalhadores).

O Fascismo tem sido macaqueado fóra de Itália e até (coisa absurda) fóra da Europa. Escuso de insistir no que sucede entre nós. Em geral adopta-se do Fascismo o formulário, uniformes, a saudação romana, o apelo ritual à mocidade, os punhais e os cinturões, as milícias de passo cadenciado, e o chefe (disciplina, comando único, etc. []) Não se repara que isso é o exterior, a vestimenta, o que menos importa.

O Nacional-socialismo que é, de todos, o movimento cujas semelhanças com a Rev. italiana vão mais longe, é também o que dela mais se afasta por causa do dogma racista. O Racismo, contrário ao princípio da universalidade, marca um regresso do povo germânico a crenças primitivas, e o recrudescimento dum velho rancor orgulhoso contra a civilização ocidental. Por isso o actual entendimento entre a Alemanha e a Itália é de fachada, rigorosamente anti-histórico.

Dum ponto de vista filosófico Eugenio d'Ors traçou da doutrina fascista um preciso esquema, lido durante a conferencia que realizou na sede da Propaganda Nacional, e de resto inserida no Prefácio do livro de Ferro sobre Salazar. Duas fórmulas podem ainda resumir esse esquema: Unidade europeia e Universalidade.

Depois desta longa explicação fico a pensar no destino do nosso D.João II. Terei sido imprudente ou apenas leal como v. para foi comigo? Terei afastado ou aproximado a hora da nossa colaboração? Aguardarei a sua resposta, meu caro José.

Calculo que esta longa carta o vá encontrar ainda em Lisboa. Se não, se fôr parar a Moledo, tanto melhor – será sinal de que v. já estará gosando umas bem merecidas férias.

Um beijo ao meu afilhado, de que muitas vezes falo com a Margarida. Recordações nossas para os dois, e um grande abraço para v. do

Fernando